

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO – DPG
ESPECIALIZAÇÃO ESTUDOS TEATRAIS CONTEMPORÂNEOS – EETC

IVAN GEMAQUE DE PAULA

TEATRO COMUNITÁRIO EM MACAPÁ: NA CORDA BAMBA DO MARCO ZERO

HISTÓRIA DAS ARTES E DO ESPETÁCULO, DRAMATURGIA E
CONTEMPORANEIDADE

ORIENTADOR: Prof. Dr. José Flávio Cardoso Nosé (Zeca Nosé)

MACAPÁ - AP

2021

TEATRO COMUNITÁRIO EM MACAPÁ: NA CORDA BAMBA DO MARCO ZERO

RESUMO

Este artigo pretende investigar a trajetória do Grupo Teatral Marco Zero, fundado por Daniel de Rocha e Tina Araújo a mais de 30 anos no bairro Perpétuo Socorro, Macapá, AP. Repousamos nosso olhar no trabalho desenvolvido pelo grupo, que inicialmente realizava o que se pode denominar de “teatro para a comunidade”, no qual discutiam-se problemáticas sem que houvesse a participação prévia dos moradores do bairro, mas gradualmente passou a interagir com seu entorno, conhecendo sua realidade e por isso realizando o que pode ser denominado Teatro por comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro Comunitário. Grupo Teatral Marco Zero. Periferia. Espaços culturais. Realidade

ABSTRAT

This article intends to investigate the trajectory of the Marco Zero Theater Group, founded by Daniel de Rocha and Tina Araújo more than 30 years ago in the Perpétuo Socorro neighborhood, Macapá, AP. I rest on the work developed by the group, who first looked to name themselves what can be called a community that lived a priori from the residents of the neighborhood, but began to interact with their neighborhood, but gradually began to interact with their neighborhood. , knowing its reality and therefore carrying out what can be called Theater by community.

KEY-WORD: Community Theater. Marco Zero Theater Group. Periphery. Cultural spaces. Reality

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo investigar la trayectoria del Grupo de Teatro Marco Zero, fundado por Daniel de Rocha y Tina Araújo hace más de 30 años en el barrio Perpétuo Socorro, Macapá, AP. Me baso en el trabajo desarrollado por el grupo, que primero trató de autodenominarse lo que podría llamarse una comunidad que vivía a priori de los vecinos del barrio, pero empezó a relacionarse con su barrio, pero poco a poco empezó a interactuar con su barrio, conociendo su realidad y, por tanto, realizando lo que se puede llamar Teatro por la comunidad.

PALABRAS CLAVE: Teatro Comunitario. Grupo de Teatro Marco Zero. Periferia. Espacios culturales. Realidad

¹ Professor de Língua Portuguesa Literatura no Ensino Básico Pelo Governo do Estado do Amapá (GEA); Especialista em Língua Portuguesa e Análise Literária (UEPA); Especialista em Metodologia da língua Espanhola (UEAP), Graduando em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e aluno do curso de Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos também pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

INTRODUÇÃO

O título deste artigo é um jogo de palavras que faço a partir de dois projetos artísticos/educativo em atividade na cidade de Macapá: *Na corda bamba do equador* desenvolvido pela Companhia Cangapé² no bairro do Araxá e do grupo teatral Marco Zero. O nome do grupo faz analogia ao monumento Marco Zero do Equador, um dos principais pontos turísticos do Estado do Amapá que infelizmente pouco investe no setor cultural. Neste sentido, a “corda bamba” é onde se equilibram os agentes culturais tucujus³, que mesmo sem apoio criam seus próprios espaços de produção artística e cultural junto à comunidade, contribuindo dessa forma com a formação de pessoas que vivem na periferia da cidade de Macapá.

Na corda bamba também estão os jovens que residem nas pontes de Macapá, sujeitos à violência e ao assédio de facções criminosas que no caso do bairro do Perpétuo Socorro, possuem como opção as ações desenvolvidas pelo grupo teatral Marco Zero.

ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO: COMUNIDADE ATENDIDA

A Baixada⁴ do Perpétuo Socorro, localizada no bairro de mesmo nome, surgiu a partir de um pequeno porto de onde se levava e traziam peixes e alimentos às populações de ambos os lados do rio Amazonas⁵. A professora e jornalista Roberta Scheibe, descreve o bairro como um complexo labirinto de palafitas construídos sobre rios poluídos.

Da rua se vê apenas casas, comércios de roupas, churrasquinhos, lojas de materiais de construção. Mas, num determinado momento, entre um estabelecimento e outro, há um vão de aproximadamente um metro de largura. Há um corredor de chão batido de mais ou menos três metros de comprimento. Depois que se passa por esse corredor, cujas encostas são as laterais dos prédios comerciais, se desenham estradinhas de madeira em cima da água. Ao mergulhar o olhar para baixo das pontes, além de água suja, sobressai-se barro, papéis, vidros, plásticos, detritos. E enquanto o transeunte se preocupa em manter se equilibrado nas passarelas danificadas, um cenário de casinhas de madeira – e algumas poucas de alvenaria – se ergue. Quanto mais se adentra neste lugar, mais imerso no labirinto se fica. Casas, igreja, panificadora, bar, mais casas, bifurcações,

² Entidade de cunho sócio cultural no Estado do Amapá que desenvolve atividades artísticas e culturais no Bairro Araxá em Macapá-Ap. A companhia Cangapé e os projetos que desenvolvem são uma referência no trabalho artístico pedagógico. em que se estimula atividades circenses.

³ Tucujus é o termo comumente utilizado para se referir aos /às moradores(as) do Estado do Amapá.

⁴ Baixada é uma expressão popular para designar regiões localizadas em áreas de ressaca na cidade de Macapá.

⁵ O rio Amazonas possui mais de 8 mil quilômetros de extensão, sendo que Macapá é a única capital do Brasil banhada pelo rio.

ponte à esquerda, à direita, ao norte, sul, leste, oeste. A frente de uma casa é grudada nas costas de outra. Para se acessar a casa de trás, ou se atravessa a casa do vizinho ou se caminha até a ponte de trás. Em resumo: olhando da rua nem se pode imaginar a cidade invisível camuflada no meio do Bairro Perpétuo Socorro. Assim como essa baixada, existem muitas outras na cidade de Macapá. (SCHEIBE, 2016, p. 208)

Assim é a cidade invisível do PHelp, como é carinhosamente chamado por seus moradores o bairro do Perpétuo Socorro, que só é possível conhecer-se de verdade quando se adentra nos inúmeros labirintos de estreitas pontes de madeira. Mas, mesmo com todas as adversidades, mal cheiros e riscos de cair da ponte, a vida pulsa ali e as pessoas buscam formas criativas de sobre/con/vivência nesta corda bamba.

NA CORDA BAMBÁ DO MARCO ZERO

Seu Daniel e Dona Tina, como são conhecidos Daniel de Rocha e Tina Araújo, atualmente ministram uma oficina sobre teatro de rua, trabalhando tanto com pessoas que nunca fizeram teatro quanto com outras que já fazem teatro há muitos anos no próprio grupo.

Ao visitar o grupo teatral Marco Zero foi impactante perceber que artistas tão jovens, entre 10 a 16 anos, já possuem certa maturidade para o teatro. Daniel de Rocha diz que “alguns já vieram quase pronto” (ROCHA, 2021), e entende que por meio da experiência e treinamento adequados poderão tornar-se atores/atrizes profissionais.

O grupo teatral Marco Zero foi fundado em 1987 por Daniel de Rocha e Tina Araújo, no bairro Perpétuo Socorro. Desde sua origem teve como objetivo construir vínculos com jovens que ali vivem, buscando associar o fazer artístico com uma reflexão sobre a realidade violenta na qual estes jovens estão inseridos.

Segundo Tina Araújo, para manter as atividades do grupo nos primeiros anos, ela teve que vender acarajé na rua e animar festas de crianças com apresentações de palhaços. Ainda, segundo Tina, existia na cidade de Macapá uma carência de espaços para ensaios de grupos de teatro, o que gerava um sentimento de revolta e de humilhação nos coletivos de artistas, pois não tinham onde montar e nem onde apresentar seus espetáculos, tendo que depender da boa vontade do Estado para isso.

A gente foi tomado pela questão da falta de espaço, e até mesmo depois do Teatro das Bacabeiras está pronto foi negado pra gente o espaço pra ensaio [...]. Depois de ter sido negado o Teatro das Bacabeiras pra gente ensaiar

nós decidimos que construiríamos qualquer coisa parecida com um teatro, um espaço onde a gente pudesse fazer alguma coisa. (ROCHA, 2021).

Ainda segundo Rocha (2021), a falta de espaço para ensaio foi o que motivou o grupo a construir sua sede, para assim contar com um local em que pudessem realizar seus ensaios e apresentar seus espetáculos.

Para efetivar a proposta, Daniel e Tina dividiram o terreno onde moravam no bairro, aterrando-o e iniciando a construção de um teatro com capacidade para atender até cem expectadores. Planejaram o espaço para que pudessem além de ensaiar seus espetáculos, realizar também oficinas de teatro, dança, música e confecção de bonecos.



Figura 1 – Bonecos confeccionados pelo Grupo Teatral Marco Zero. (De Paula, 2021)

O espaço do Teatro foi projetado por Daniel de Rocha a partir de seu conhecimento de outros teatros por onde havia passado, sendo pensado para que pudesse comportar camarins, coxias, sala de som, iluminação, sala de figurino, banheiros, espaço para alimentação, etc. A construção levou cerca de 15 anos e foi feita sem ajuda alguma do Estado, contando apenas com a dedicação e esforço dos integrantes do grupo teatral Marco Zero.



Figura 2 – Tina Araújo operando a Iluminação do espetáculo, por trás alguns bonecos gigantes confeccionados pelo grupo Marco Zero (Foto: De Paula, 2021)



Figura 3 – Daniel e Tina na arquibancada do Teatro Marco Zero (Foto: De Paula, 2021)

QUEM CAMINHA NESTA CORDA BAMBA?

O grupo Marco Zero é composto por artistas que estão constantemente aperfeiçoando-se para desenvolverem trabalhos comunitários no bairro do Perpétuo Socorro, oferecendo oficinas de teatro, dança, música, confecção de bonecos, inclusão digital e esclarecimentos sobre os riscos do envolvimento com as drogas. Segundo Daniel de Rocha (2021), boa parte das pessoas que buscam o projeto, possuem familiares envolvidos com drogas e o grupo procura dar acolhida e mostrar outras possibilidades e isto se dá principalmente por meio da arte.

Sobre o objetivo do grupo, Daniel reforça o trabalho de conscientização e educação comunitária por meio do teatro, assumindo que o compromisso principal do grupo é trabalhar com crianças e adolescentes que vivem em ambiente de vulnerabilidade social, efetivando projetos artísticos que lhes afastem do crime.



Figura 4 – Daniel de Rocha e Tina Araújo dirigindo a dramaturgia “Lendias do Teatro Piracoça” a ser apresentado como Teatro de Rua no Mirante do Bairro do Perpétuo Socorro

Desde 2020, em função da Pandemia SARS-Cov 2 (COVID-19)⁶, o grupo vem utilizando a internet para a apresentação de seus espetáculos, com difusão nas principais redes sociais, mas a partir de setembro de 2021, com o apoio da Lei Aldir Blanc⁷, passou a desenvolver oficinas presenciais na sede do grupo, dentre as quais: Teatro de bonecos, Teatro de rua e Cinema no celular.

⁶ No ano de 2020, devido a Pandemia de SARS-CoV 2 (COVID-19), ficou impedida a presença de público em atividades culturais ou teatrais. No momento em que escrevo este texto, cerca de 650.000 perderam a vida por causa da pandemia no Brasil.

⁷ A Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural surgiu com o objetivo de auxiliar trabalhadores(as) da cultura, bem como espaços culturais brasileiros no período de isolamento social, ocasionado pela pandemia da Covid-19. (SECULT, 2021)



Figura 5 – Crianças que no momento estavam fazendo oficina de Teatro de Rua, ensaiando no palco do Marco Zero.

Lêndea do Teatro Piracoça é o título do texto que estava sendo lido pelos jovens que participavam da oficina de teatro de rua no Teatro Marco Zero. Ao chegar à sede do grupo no dia 09 de setembro de 2021, encontrei 9 pessoas (entre crianças e adolescentes) concentradas, lendo a dramaturgia do espetáculo a ser apresentado para a comunidade. Todos buscavam interpretar o melhor que podiam as suas personagens. O mais velho tinha 14 anos e a mais nova tinha 4 anos. Na hora dos exercícios propostos, era perceptível que os participantes da oficina se esforçavam ao máximo e tentavam dar o melhor de si. Eles pareciam se divertir, mesmo nas horas em que Daniel chamava-lhes a atenção para que se concentrassem. Segundo Daniel, a dramaturgia fala exatamente da importância do teatro e faz analogia à coceira causada pela Lêndea⁸, comparando o teatro como algo que quando começa a “coçar” não quer mais parar, ou seja, quando se começa a fazer teatro não se quer mais parar.

⁸ **Lêndea** é o ovo do piolho, que é um pequeno inseto pertencente à ordem. Piolhos parasitam mamíferos e aves.



Figura 6 – Ao fundo Daniel de Rocha, em primeiro plano, participantes da Oficina de Teatro De Rua no Grupo Teatral Marco Zero lendo a dramaturgia “Lêndas do Teatro Piracoça”. (De Paula, 2021)

Alguns participantes, que já fazem parte do Marco Zero a mais tempo, reconhecem a importância que teve o grupo em suas vidas, tendo os motivados a buscar outras alternativas. Segundo Fernandes (2021):

Eu me chamo Marcos Fernandes e participo do Teatro Marco Zero desde de muito pequeno, acho que desde... 2008, 2009, mais ou menos por aí. Dentro do Teatro Marco Zero eu trabalhei muitas questões... hoje eu sou acadêmico de teatro por conta do grupo Marco Zero, por conta de trabalhar aqui perna-de-pau, adrecista, enfim... isso me levou para as artes, né? E aí foi o foco, né? Este instigar do grupo Marco Zero na minha vida. E é isso, teatro pra mim é tudo! É vida! Eu também danço, então a cultura está sempre muito vivente no meu dia-a-dia. (FERNANDES, 2021)

Marcos Fernandes, que hoje tem 25 anos, começou no grupo por volta dos 13, e segundo ele, foi a partir de sua convivência ali que começou a interessar-se mais pela arte que hoje já faz parte de seu cotidiano., sendo que atualmente é bailarino e acadêmico do curso de teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Pude observar, a partir da experiência de Marcos Fernandes, que a função do grupo de Teatro marco Zero vai para além da formação do ator, pois permite também a reflexão sobre a realidade na qual os jovens estão inseridos, fazendo-os vislumbrar outras possibilidades para suas vidas como entrar na universidade.

Stefane Pinheiro é outra participante de longa data, pois já está no grupo há seis anos e como ela mesma diz, “tenho tempo de casa” Pinheiro (2021). Ela tem o teatro como algo muito significativo, percebendo importantes mudanças em sua vida a partir da experiência com o grupo teatral Marco Zero.

Eu me chamo Steffane Pinheiro e 18 anos, iniciei aqui no Teatro Marco Zero em 2015, e já tenho seis anos de casa. O teatro foi importante para mim, pois hoje falo em público sem medo e sem vergonha, tenho uma boa comunicação com todas as pessoas, eu consigo falar sobre qualquer assunto. O teatro me libertou e se hoje eu sou essa pessoa é por conta do teatro [...] eu sempre tive vontade de atuar, de ser atriz. Desde pequena, em casa, eu fingia que era uma atriz e ficava encenando na frente do espelho, até que eu soube através da minha escola que tinha um teatro aqui perto da minha escola, aí eu fiquei sabendo que a minha amiga fazia parte. Eu fiquei conversando, conversando até ela me trazer para o teatro. Aí, eu vim e depois que eu cheguei não sai mais. (PINHEIRO, 2021)

É importante observar o quanto Steffane Pinheiro sente-se realmente parte do grupo conseguindo perceber mudanças significativas em sua vida que vieram a partir do momento em que começou a fazer teatro no Marco Zero.

Durante a pesquisa de campo, indaguei aos participantes sobre suas idades e a quanto tempo participavam do grupo teatral Marco Zero e com os dados coletados na entrevista elaborei o quadro abaixo:

NOME	IDADE	TEMPO NO GRUPO
MARCOS FERNANDES	25 ANOS	13 ANOS
ALINE VITÓRIA	15 ANOS	12 ANOS
JOÃO VITOR	11 ANOS	07 ANOS
STEFANY PINHEIRO	18 ANOS	06 ANOS
CARLOS DANIEL	15 ANOS	04 ANOS
VITÓRIA BECKMAN	10 ANOS	01 ANO
JOÃO VITOR	16 ANOS	06 MESES
WESLEY CAETANO	14 ANOS	06 MESES
MARCOS VINICIUS	15 ANOS	03 MESES
ANA BEATRIZ SANTOS	04 ANOS	COMEÇANDO

O GRUPO MARCO ZERO NA COMUNIDADE

Nos últimos anos são crescentes os estudos que tratam o teatro na comunidade, Coutinho (2010), Nose (2021), mas certamente uma das principais referências é a professora Márcia Pompeu Nogueira (2007), (2009).

Para vincular o grupo teatral Marco Zero a esta possibilidade do fazer teatral, torna-se necessário em que perspectiva podemos fazer uso do termo comunidade. Nogueira (2007) adota dois conceitos de comunidade para identificar as propostas teatrais que dialogam com ela: a comunidade de local e a comunidade de interesse.

Comunidade de local é criada por uma rede de relacionamentos formados por interações face a face, numa área delimitada geograficamente. Comunidade de interesse, como a frase sugere, é formada por uma rede de associações que são predominantemente caracterizadas por seu comprometimento em relação a um interesse comum. Quer dizer que estas comunidades podem não estar delimitadas por uma área geográfica particular. Quer dizer também que comunidades de interesse tendem a ser explícitas ideologicamente, de forma a que mesmo se seus membros venham

de áreas geográficas diferentes, eles podem de forma relativamente fácil reconhecer sua identidade comum. (Nogueira apud KERSHAW, 2007, p. 1)

A partir desta conceituação trazida por Nogueira, fica evidente que o teatro desenvolvido pelo grupo Marco Zero é feito com uma comunidade de local, o Bairro Perpétuo Socorro, neste sentido parece correto classificá-lo como teatro comunitário.

Para explicar a partir de que concepção entendemos o formato de teatro comunitário que o Grupo Marco Zero vem desenvolvendo na comunidade, valemos do que diz Nogueira (2007) que identifica o teatro na comunidade a partir de três possibilidades de abordagem: *teatro para comunidades*, que inclui artistas que fazem teatro na comunidade com o objetivo de discutir suas problemáticas, mas sem conhecer de antemão a sua realidade; *teatro com comunidades* que é o teatro que é feito em uma determinada comunidade a partir de uma investigação sobre a realidade da comunidade, porém sem a participação da comunidade nos espetáculos e *o teatro por comunidade* que inclui a própria comunidade dizendo o que deve ser abordado no espetáculo e fazendo também parte dele.

A partir da pesquisa realizada pude perceber que inicialmente o grupo Marco Zero fazia um teatro para a comunidade, pois dialogava pouco com os moradores do bairro, mas que a partir da necessidade de ter um local fixo para produzir, ensaiar e apresentar os seus espetáculos, obrigou-se a construir um espaço cultural em que aos poucos foi passando a envolver-se cada vez com seu entorno, conhecendo seu entorno e as problemáticas locais. Ao trazer a comunidade para que a representasse os espetáculos do grupo, passou a mudar também o formato de interação, deixando de ser um teatro para a comunidade e passando a ser um teatro por comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhando o trabalho do grupo teatral Marco Zero, pude constatar que Tina e Daniel têm interesse em conhecer melhor a realidade dos moradores e a pensar numa forma de intervenção que possa, por meio da arte, afastar os jovens do assédio do tráfico e das facções criminosas. O teatro Marco Zero precisa de manutenção para seguir com suas atividades, por isso, Daniel e Tina, precisam de apoio do poder público para manter o trabalho comunitário que realizam no bairro, em último caso aceitariam passar a gerência para o Governo do Estado ou para a prefeitura, já que

não dispõem de recursos para continuar a manter o espaço que muito já contribuiu com a comunidade.

Pesquisar o grupo Marco Zero trouxe-me lembranças de alguns trabalhos que desenvolvo na escola como professor de Língua Portuguesa. Acredito muito no potencial do teatro como possibilidade de se ler e escrever o mundo, possibilitando aos jovens ser protagonistas de suas histórias. Vendo o trabalho que é desenvolvido por Daniel e Tina no bairro Perpétuo Socorro, orientando os “primeiros passos” do teatro para jovens que nunca tiveram contato com a arte, é muito inspirador, faz-nos querer está ali e fazer o trabalho também, sabendo que estamos contribuindo de alguma forma com uma mudança na vida de alguém. Como diz o espetáculo “Lêndas do piracoça”, quando se faz teatro pela primeira vez, não se quer mais parar.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Marina Henriques. **A favela como palco e personagem e o desafio da comunidade** – sujeito. 2010. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

FERNANDES, Marcos. Entrevista concedida a De Paula, Ivan- Macapá-Ap, 17/09/2021.

JANKEVICIUS Marcos. **Teatro Comunitário: movimento de cultura popular subalterna**. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo-SP, 2014.

MONTEIRO, Maurílio de Abreu. **A ICOMI no Amapá: meio século de exploração mineral**. Novos Cadernos NAEA. v. 6 , n . 2, p. 113 -168, dez. 2003.

NOGUEIRA, Marcia Pompeo. **Tentando definir o Teatro na Comunidade**. IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas 1 (CEART/ UDESC) GT: Pedagogia do Teatro & Teatro e Educação. 2007

NOGUEIRA, Márcia Pompeo. **Teatro e comunidade**. In: FLORENTINO, Adilson; TELLES, Narciso (org.). Cartografias do ensino do teatro. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 173-183.

NOSÉ, José Flavio Cardoso. **O teatro amador a partir de dois p(s): putas e presos**. – Campinas-SP. 2021.

PINHEIRO, Stefane. Entrevista concedida a De Paula, Ivan – Macapá-Ap- 17/09/2021.

ROCHA, Daniel de. Entrevista concedida a De Paula, Ivan – Macapá-Ap – 09/08/2021.

SERRÃO, Sybelle Lima & LIMA, Ricardo Ângelo Pereira de. **Áreas alagadas em Macapá: estudo de caso Bairro do Araxá**. <http://periódicos.unifap.br/index.php/biota>. Macapá-AP. 2013

SCHEIB, Roberta. **Sem ponte e sem barraco: a situação vivida pelos moradores da “baixada” Perpétuo Socorro, de Macapá, analisada como drama social**. I Colóquio Internacional de Mobilidade Humana e Circularidade de ideias. Caderno de Anais. 2016

SECULT-**Governo do Pará**. Disponível em: <https://leialdirblanc.pa.gov.br/>. Acessado em 08 de janeiro de 2021.